Influência do sexo no nível intermediário de tensão encontrado em tríades *P–O–X* não equilibradas *

CARLOS AMÉRICO A. PEREIRA
FÁTIMA ELIZABETH L. PEREIRA

1. Introdução; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão.

Os trabalhos experimentais acerca do princípio heideriano do equilíbrio têm mostrado claramente que o princípio recebe forte e definitiva confirmação empírica quando existe uma relação positiva entre *P* e *O*. No entanto, quando o elo *P/O* é negativo, resultados inesperados são freqüentemente encontrados, evidenciando um nível intermediário de tensão. O presente trabalho sugere que forças do equilíbrio e da concordância atuam em direções opostas, como proposto por Rodrigues, em adição à hipótese do engajamento sustentada por Newcomb, para explicar o nível intermediário de tensão em pessoas quando diante de situações interpessoais *P–O–X* em que o elo *P/O* é negativo. Sujeitos foram agrupados em sexos feminino e masculino e postos a avaliarem situações triádicas com o elo *P/O* negativo. As hipóteses que sustentavam que *Ss Fems.* valorizavam mais a concordância do que *Ss Mascs.*, ou seja, aqueles experimentariam menos tensão do que estes nas tríades com concordância, deram na direção esperada em todas as cinco situações experimentais, porém os efeitos não foram distintamente diferentes para se tornarem estatisticamente significantes. Na situação de desagradabilidade e na de vontade de ver a relação *O/X* mudada, os resultados confirmaram as hipóteses de que *Ss Fems.* valorizam mais a concordância do que a discordância. Os *Ss Mascs.* valorizaram mais a discordância do que a concordância nas situações de vontade de mudar o elo *P/O* e de diferenciação.

1. Introdução

Desde que Newcomb (14) propôs um sistema de três categorias no qual equilíbrio e concordância se inserem juntamente na categoria positivamente equilibrada, sendo que desequilíbrio e discordância pertencem à categoria positivamente desequilibrada, permitindo-se quatro combinações na categoria não-equilibrada – duas

* Trabalho apresentado na disciplina Tópicos especiais em psicologia experimental II, em outubro de 1º77, como auto-requisito para a obtenção do bacharelado em psicologia, pelos departamentos de Psicologia Social e do Trabalho, e de Psicologia Geral e Experimental, do Instituto de Psicologia da UFRJ.

de equilíbrio com discordância e duas de desequilíbrio com concordância –, tornou-se importante verificar que a maior parte da evidência experimental tende a apoiar esta distinção de Newcomb entre esses três estados (por exemplo, 1,4 para o experimento 1 do tipo *P–O–X*)(10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 26, 30, 32).

Algumas excessões, que apóiam a proposição original de Heider (8, 9) acerca de duas categorias apenas – a do equilíbrio e a do desequilíbrio, com tríades *P–O–X* do tipo + + +, + – –, – + –, – – + e + + –, + – +, – + +, – – –, respectivamente, sendo que as primeiras produzem baixa desagradabilidade e as desequilibradas geram alta desagradabilidade – podem ser assinaladas (3, 7, 27, 29, 34, 35).

Newcomb (14) sugere que as tríades do tipo + + + e + – – são consideradas positivamente equilibradas, predizendo uma relação interpessoal não conflitiva e que não geram nenhum ou quase pouco grau de tensão; as de sinal + + – e + – +, positivamente desequilibradas, predizem uma relação interpessoal conflitiva e geram um alto nível de tensão; e as – – +, – + –, – – – e – + + são não-equilibradas, gerando um nível intermediário de tensão.

De todas as possíveis combinações de sinais, o primeiro se refere ao elo *P/O*, o segundo à relação *P/X* e o terceiro à ligação *O/X*.

O problema, tanto de interesse teórico quanto empírico, é o seguinte: por que as tríades *P–O–X* não-equilibradas geram um nível intermediário de tensão quando comparadas com estruturas positivamente equilibradas e desequilibradas?

Newcomb (14) adota o conceito de engajamento (16) e postula que o grau intermediário de tensão, encontrado em pessoas quando diante de situações experimentais do tipo de tríades não-equilibradas é devido ao fato de *P* pouco se interessar na relação *P–O–X*, justificado pelo não-engajamento na situação provocada pela ligação *P/O* negativa.

Rodrigues e Ziviani (17, 20, 21, 22, 25, 36) concordam com Newcomb quando diante de tríades do tipo positivamente equilibradas e positivamente desequilibradas.

No que se refere às tríades *P–O–X* não-equilibradas, Rodrigues sugere que o nível intermediário de tensão é devido ao encontro de forças derivadas do equilíbrio e da concordância que atuam em direções opostas: – – + e – + – (equilíbrio e discordância), e – – – e – + + (desequilíbrio e concordância). Obviamente equilíbrio e desequilíbrio estão sendo usados aqui com o sentido heideriano original (8, 9), anterior à nova terminologia proposta por Newcomb.

Vários estudos do princípio do equilíbrio (2, 17, 18, 19, 24, 33) têm mostrado que, quando se lida com relações de sentimentos de situações interpessoais *P–O–X*, se presencia muitos outros parâmetros que não somente o equilíbrio. São eles: concordância (19, 20, 25, 33, 36), positividade (5, 17, 19, 34, 35), reciprocidade (6, 15, 35), importância de *X* (13, 17, 20, 34, 35), forças das relações (17, 28, 29, 31), engajamento (14).

O presente documento se refere à proposição do nível intermediário de tensão encontrado em relações interpessoais não-equilibradas, de acordo com as

direções opostas de forças do equilíbrio e da concordância em tríades não-equilibradas.

Se o conflito entre as forças opostas da concordância e do equilíbrio fosse responsável pelo nível intermediário de tensão indicado por pessoas quando diante das tríades *P–O–X* não-equilibradas, então uma série de hipóteses poderiam ser derivadas e testadas empiricamente, e os resultados encontrados forneceriam uma avaliação da aceitabilidade da explicação teórica proposta para o fenômeno sob investigação.

O fator escolhido para este propósito foi a variável sexo (feminino *vs.* masculino).

Se pessoas do sexo feminino (*Fems.*) e do sexo masculino (*Mascs.*) valorizam concordância diferentemente, e se concordância é, de fato, uma força dinâmica influenciadora em estruturas *P–O–X*, poder-se-ia deduzir que os *Ss Fems.* e os *Ss Mascs.* reagiriam diferentemente às situações triádicas *P–O–X* do tipo não-equilibradas. É difícil afirmar, neste momento, se concordância seria tão valorizada pelos *Ss Fems.*, que eles experimentariam menos tensão em tríades do tipo – – – e – + +, ou se ela seria tão desprezada pelos *Ss Mascs.*, que eles indicariam baixa tensão em tríades do tipo – – + e – + –.

Seja como for, predições diferenciais podem ser feitas, tomando-se por base diferentes respostas ao valor da concordância e da discordância para os dois tipos de sexo.

De acordo com esta exposição de princípios, as seguintes hipóteses foram submetidas a teste empírico:

1. *Ss Fems.* sentirão as tríades não-equilibradas com discordância como mais desagradáveis do que os *Ss Mascs.* e/ou as não-equilibradas com concordância como menos desagradáveis do que os *Ss Mascs.*
2. *Ss Fems.* sentirão as tríades não-equilibradas com discordância como mais desagradáveis do que aquelas com concordância.
3. *Ss Mascs.* sentirão as tríades não-equilibradas com discordância como menos desagradáveis do que aquelas com concordância.
4. *Ss Fems.* manifestarão mais vontade de mudar o elo *P/O* das tríades não-equilibradas com discordância do que o farão *Ss Mascs.* e/ou menos vontade de mudar daquelas com concordância do que os *Ss Mascs.*
5. *Ss Fems.* manifestarão mais vontade de mudar o elo *P/O* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.
6. *Ss Mascs.* manifestarão menos vontade de mudar o elo *P/O* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.
7. *Ss Fems.* manifestarão mais vontade de mudar a ligação *P/X* das tríades não-equilibradas com discordância do que o farão *Ss Mascs.* e/ou menos vontade de mudar naquelas com concordância do que os *Ss Mascs.*
8. *Ss Fems.* manifestarão mais vontade de mudar a ligação *P/X* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.

9. *Ss Mascs.* manifestarão menos vontade de mudar a ligação *P/X* de tríades não-equilibradas com discordância do que daquelas com concordância.
10. *Ss Fems.* indicarão mais vontade de ver a relação *O/X* mudada nas tríades não-equilibradas com discordância do que o farão *Ss Mascs.* e/ou menos vontade de ver mudada naquelas com concordância do que os *Ss Mascs.*
11. *Ss Fems.* indicarão mais vontade de ver mudada a relação *O/X* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.
12. *Ss Mascs.* indicarão menos vontade de ver mudada a relação *O/X* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.
13. *Ss Fems.* manifestarão mais vontade de mudar a relação *P/O* somente quando um *X* estivesse em jogo, e não em outras situações, nas tríades não-equilibradas com discordância do que o farão *Ss Mascs.* e/ou menos vontade de mudar naquelas com concordância do que os *Ss Mascs.*
14. *Ss Fems.* indicarão mais vontade de mudar a relação *P/O* somente quando um *X* estivesse em jogo, e não em outras situações, nas tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.
15. *Ss Mascs.* indicarão menos vontade de mudar a relação *P/O* somente quando um *X* estivesse em jogo, e não em outras situações, nas tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância.

As variáveis dependentes utilizadas foram a indicação do nível de tensão experimentado pelos sujeitos do experimento nas escalas de desagradabilidade, de vontade de mudar o elo *P/O*, de vontade de mudar a ligação *P/X*, de vontade de ver a relação *O/X* mudada e de diferenciação.

A escala de desagradabilidade foi proposta por Jordan (12) e as demais sugeridas por Rodrigues (18) e utilizadas em estudos posteriores (19, 25, 36).

2. Método

2.1 *Sujeitos*

Cento e vinte e oito estudantes, cujo nível de escolaridade se encontrava entre a terceira série de 2.º grau e o segundo ano do curso superior, apresentando escores de auto-estima entre − 0,79 *DP* e + 0,79 *DP* na escala de auto-estima, serviram como sujeitos. Dos 128 foram sorteados 42 sujeitos do sexo feminino e 42 do sexo masculino, perfazendo um total de 84 sujeitos.

2.2 *Procedimento*

Foram utilizados os resultados relativos a uma aplicação conjunta da escala de auto-estima (23) com as escalas *P–O–X*, realizada por Ziviani e Rodrigues (36) com um total de 308 estudantes.

A primeira escala, a de auto-estima, constava de 40 itens, sendo 21 pares (que denotavam uma alta auto-estima) e 19 ímpares (que indicavam uma baixa auto-estima), apresentando cada item quatro tipos de alternativas de resposta, nos quais os sujeitos deveriam assinalar uma: *O* – se não-verdadeiro; *1* – se algo-verdadeiro; *2* – se em grande parte verdadeiro; e *3* – se verdadeiro (23).

As escalas *P–O–X* foram aplicadas em seguida (36), e constavam de cinco folhas, exatamente como em um experimento anterior (25), sendo uma a de instruções, e as demais de configurações triádicas interpessoais descritas, nas quais o elo *P/O* era negativo. A primeira folha continha a situação descrita: "Você não gosta de *O*; você é contra *X*; *O* é a favor de *X*", sendo, pois, uma configuração do tipo – – +. A segunda folha, com a situação: "Você não gosta de *O*; você é a favor de *X*; *O* é contra *X*" (configuração do tipo – + –). A terceira com a situação: "Você não gosta de *O*; você é contra *X*; *O* é contra *X*" (configuração – – –). A quarta com a situação: "Você não gosta de *O*; você é a favor de *X*; *O* é a favor de *X*" (configuração – + +). Estas quatro folhas foram aleatorizadas quanto à ordem de apresentação aos sujeitos, segundo o modelo do quadrado latino, e cada uma continha cinco escalas. Na primeira escala, os sujeitos foram solicitados a indicar quão agradável ou desagradável seria, para eles, estarem envolvidos na situação descrita; na segunda e na terceira escalas, os sujeitos indicariam quanto eles gostariam de mudar seus sentimentos em relação a *O* e a *X*, respectivamente; na quarta escala, o quanto eles gostariam de ver mudado o sentimento de *O* em relação a *X*; na quinta e última escalas, os sujeitos indicariam a vontade de mudar os seus sentimentos em relação a *O* somente quando *X* estivesse em jogo, e não em outras situações.

Dos 308 sujeitos do estudo anterior de Ziviani e Rodrigues (36), 180 foram eliminados, pois seus escores de auto-estima estavam fora da faixa, determinada *a priori*, compreendida entre – 0,79 *DP* e + 0,79 *DP* da distribuição total de escores auto-estima. Dos 128 sujeitos restantes, por meio da técnica de aleatorização, foram sorteados 42 do sexo feminino e 42 do sexo masculino, sendo alocados aleatoriamente aos dois grupos experimentais: grupo feminino e grupo masculino.

Cada sujeito, ao responder às escalas *P–O–X*, apresentou um valor que foi a medida de tensão. Estes valores escalares foram medidos colocando-se uma régua milimetrada sobre a escala, correspondendo o valor 10 da régua ao ponto mais extremo à esquerda na escala, o valor 55 ao ponto central, e o valor 99 milímetros ao ponto mais extremo à direita, tendo-se, então, a medida de tensão do sujeito correspondente ao valor de resposta por ele indicado.

3. Resultados

A tabela 1 revela os escores médios de desagradabilidade, da vontade de mudar o elo *P/O* e a ligação *P/X*, da vontade de ver mudada a relação *O/X*, e de

Tabela 1

Escores médios de tensão, nas cinco situações, dados pelos sujeitos do sexo feminino (*Ss Fems.*) e do sexo masculino (*Ss Mascs.*)

Grupos	Discordância – – + – + –	Concordância – – – – + +	*t*
Desagradabilidade			
Ss Fems.	74,88	64,23	2,59**
Ss Mascs.	71,85	69,90	0,44
t	0,68	– 1,21	
Vontade de mudar o elo *P/O*			
Ss Fems.	44,36	47,69	– 0,99
Ss Mascs.	48,96	58,85	– 2,54**
t	– 0,69	– 1,70	
Vontade de mudar a ligação *P/X*			
Ss Fems.	23,95	29,30	– 1,47
Ss Mascs.	36,11	34,39	0,51
t	– 2,73***	– 0,94	
Vontade de ver a relação *O/X* mudada			
Ss Fems.	49,62	32,71	2,90***
Ss Mascs.	54,04	41,12	2,46**
t	– 0,68	– 1,37	
Diferenciação			
Ss Fems.	41,94	41,15	0,19
Ss Mascs.	41,90	50,86	– 2,24*
t	0,01	– 1,59	

* $p < 0,05$.
** $p < 0,02$.
*** $p < 0,01$.

diferenciação, para ambos os grupos – *Fems.* e *Mascs.* – e para ambos os tipos de tríades não-equilibradas – com discordância e com concordância.

Como se pode observar, *Ss Fems.* e *Ss Mascs.* não mostraram diferenças estatisticamente significantes em quatro situações, tanto para as tríades não-equilibradas com discordância como para aquelas com concordância, exceto na situação de mudar a ligação *P/X* das tríades com discordância ($t = -2{,}73$, $p < 0{,}01$) dando, porém, na direção oposta à da primeira parte da hipótese 7. Portanto, não foram confirmadas as primeiras partes das hipóteses 1, 4, 7, 10 e 13. As segundas partes destas hipóteses postulavam também como plausível que *Ss Fems.* indicam um valor médio menor de tensão nas cinco situações de tríades não-equilibradas com concordância do que os *Ss Mascs.*; tal ocorreu na direção esperada, em todas as cinco situações, mas os efeitos não foram grandes o suficiente para tornarem-se estatisticamente significantes. Não foram confirmadas, também, as segundas partes das hipóteses 1, 4, 7, 10 e 13.

A hipótese 2, relacionada com os dados de desagradabilidade, foi confirmada; como mostra a tabela 1, *Ss Fems.* indicaram como mais desagradáveis as tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância ($t = -2{,}59$, $p < 0{,}02$, para o plano do tipo medidas repetidas). A hipótese de número 3 não foi confirmada.

Ss Fems. não reportaram diferenças estatisticamente significantes entre as médias de discordância e concordância nas situações de vontade de mudar o elo *P/O* e de diferenciação, o que não confirma as hipóteses 5 e 14.

A tabela 1 revela ainda que nas situações de vontade de mudar o elo *P/O* e de diferenciação, os *Ss Mascs.* apresentaram um escore médio maior de tensão nas tríades com concordância do que naquelas com discordância ($t = -2{,}54$, $p < 0{,}02$ e $t = -2{,}24$, $p < 0{,}05$, respectivamente), evidenciando que em ambas as situações eles valorizam mais a discordância do que a concordância, o que comprova as hipóteses número 6 e 15.

Na situação de vontade de mudar a ligação *P/X*, tanto os *Ss Fems.* quanto os *Mascs.* não mostraram diferenças estatisticamente significantes entre as tríades com discordância e as com concordância, não confirmando as hipóteses 8 e 9.

A tabela 1 reporta claramente que tanto os *Ss Fems.* como os *Ss Mascs.* evidenciaram muito mais vontade de ver mudada a relação *O/X* de tríades não-equilibradas com discordância do que aquelas com concordância. Este resultado confirmou a hipótese 11, que postulava também que os *Ss Fems.* valorizam mais a concordância do que a discordância, neste tipo de situação ($t = 2{,}90$, $p < 0{,}01$), mas não confirmou a hipótese 12, pois, embora tenha dado uma diferença significativa ($t = 2{,}46$, $p < 0{,}02$), tal foi na direção contrária à hipótese de que os *Ss Mascs.* indicariam menos vontade de ver mudada a relação *O/X* de tríades com discordância do que aquelas com concordância.

A tabela 2 mostra os valores da razão *F* para os fatores sexo, tipo de tríade, e a interação entre estes dois fatores, nas cinco situações experimentais.

A razão F da análise da variância mista desenvolvida com os dados da tabela 1 para a interação entre sexo e tipo de tríade, somente mostrou-se ser significante na situação de diferenciação (F 3, 246 = 3,00, $p < 0,05$), conforme pode ser verificado na tabela 2.

Tabela 2

Escores da razão F nas cinco situações para o plano de medidas independentes (sexo) e medidas repetidas (tipo de tríade) e a interação entre esses dois fatores (plano misto)

Fatores	Desag.	VM *P/O*	VM *P/X*	VVM *O/X*	Difer.
A^a (sexo)	< 1	1,66	4,03*	1,67	< 1
B^b (tipo de tríade)	2,64[c]	3,00*	17,37**	21,25**	5,37*
$A \times B^b$	1,62	< 1	1,04	< 1	3,00*

Nota: Número de sujeitos de cada sexo = 42.

[a] $df = 1,82$.

[b] $df = 3,246$.

[c] Por pouco não foi significativo ao nível de 0,05.

* $p < 0,05$.

** $p < 0.01$.

Mais uma vez o fator tipo de tríade mostrou ser muito forte neste tipo de paradigma experimental, pois em todas as situações apresentou um escore F estatisticamente significativo a pelo menos um nível menor que 0,05, exceto na situação 1, a de desagradabilidade, na qual por pouco não atingiu este nível de significância (F 3, 246 = 2,6431, $p = 0,05$).

4. Discussão

Os resultados deste experimento não mostraram diferenças entre os sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino. A análise da variância procedida com os dados da tabela 1 mostrou diferença estatisticamente significante para com o fator A (sexo) somente na situação de vontade de mudar a ligação *P/X*, embora na direção contrária à da primeira parte da hipótese 7, como atestado pelo teste t nas tríades não-equilibradas com discordância, mostrando que *Ss Mascs.* valorizaram menos a discordância do que *Ss Fems.*, neste tipo de situação.

Os resultados são ainda mais concludentes, pois evidenciam que tanto pessoas do sexo feminino quanto do masculino valorizaram igualmente a discordância em pelo menos quatro situações experimentais.

Pode-se relatar, a esta altura, que os autores do presente estudo ao escolherem o sexo como um fator a ser posto a avaliar situações *P–O–X* em que o elo *P/O* era negativo, o fizeram porque partiram de uma suposição: a de que pessoas do sexo feminino seriam mais conformistas e teriam menos auto-estima do que pessoas do sexo oposto e, por tal, aquelas valorizariam mais uma relação em que elas e uma outra pessoa não gostam de uma entidade impessoal ou que ambas gostam desta entidade, embora as duas pessoas não se gostem, do que as pessoas do sexo masculino quando diante desta mesma situação.

Foi visto que tal não ocorreu, pois diante de situações nas quais os sujeitos dos dois sexos indicariam a vontade de mudar seus sentimentos em relação a uma outra pessoa, ou mesmo em relação a uma entidade impessoal, na vontade de ver mudada a relação entre aquela outra pessoa e esta entidade, e na situação em que uma entidade impessoal estivesse envolvida e não em outra situação, verificou-se que em cada uma destas situações isoladamente, pessoas do sexo feminino e do sexo masculino valorizaram igualmente a concordância, nas tríades em que o elo *P/O* era negativo.

Por outro lado, ao se proceder o cálculo da média das médias de tensão das quatro situações acima de tríades com concordância em que o elo *P/O* era negativo (portanto de sinais – – – e – + +) para os sujeitos femininos e uma outra média para os sujeitos masculinos ($X = 37{,}71$ e $X = 46{,}30$, respectivamente), o que se verificou foi que pessoas do sexo feminino valorizaram mais a concordância do que pessoas do sexo masculino ($t = -2{,}73$, $p < 0{,}01$), pois as primeiras apresentaram um valor médio menor de tensão quando diante de tríades do tipo – – – e – + + do que as pessoas do sexo masculino.

Ficou também comprovado que pessoas do sexo feminino acham mais desagradável uma relação em que elas não gostam de *X* e uma outra pessoa gosta, ou em que elas gostam de *X* e uma outra pessoa não gosta de *X* (achando com isto que *O* deveria mudar seu sentimento em relação a *X* mais nas tríades com discordância do que naquelas com concordância) do que em tríades em que elas e *O* gostam de *X*, ou ambas não gostam de *X*. (Valorizam mais a concordância do que a discordância.)

Em relação às pessoas do sexo masculino, estas sentem mais vontade de mudar seus sentimentos em relação a *O* quando ou eles e uma outra pessoa gostam de *X*, ou ambos não gostam de *X*, do que quando eles não gostam de *X* e uma outra pessoa gosta, ou quando eles gostam de *X* e a outra pessoa não gosta de *X*. O mesmo ocorre na situação em que "uma entidade impessoal estivesse em jogo, e não em uma outra situação". (Valorizam mais a discordância do que a concordância.)

De acordo com forças opostas do equilíbrio e da concordância, predições diferenciais podem ser feitas quando o elo *P/O* de tríades *P–O–X* é negativo.

Conseqüentemente pode-se relatar que nestas situações o nível intermediário de tensão é comumente encontrado como um resultado não só pelo não-engajamento de *P* na situação em que o elo *P/O* é negativo, mas também pelo conflito entre forças opostas do equilíbrio e da concordância em cada tipo de tríade onde o elo *P/O* é negativo.

No entanto, ainda é cedo para um parecer definitivo em relação ao sexo, pois existem outros fatores, pessoais e/ou ambienciais, que estariam inter-relacionados e atuariam e influenciariam em maior ou menor grau pessoas do sexo masculino e do sexo feminino, quando diante de situações interpessoais do tipo *P–O–X* em que o elo *P/O* é negativo, o mesmo podendo ser dito em relação à situação experimental artificial do presente trabalho.

Referências bibliográficas

1. Aderman, D. Effects of anticipating future interaction on the preference for balanced states. *Journal of Personality and Social Psychology, 11*: 214-9, 1969.

2. Almeida Cunha, M. V. C. Uma análise teórica e empírica da interferência de diversas fontes de tendenciosidade cognitiva no princípio heideriano do equilíbrio. Rio de Janeiro, PUC, 1973. Tese de mestrado.

3. Burdick, H. A. & Burnes, A. J. A test of "strain toward symmetry" theories. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 57*: 367-70, 1958.

4. Crockett, W. H. Balance, agreement, and subjective evaluations of the *P–O–X* triads. *Journal of Personality and Social Psychology, 29*: 102-10, 1974.

5. De Soto, C. B. & Kuethe, J. L. Subjective probabilities of interpersonal relationships. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 59*: 290-4, 1959.

6. Feather, N. T. A structural balance analysis of evaluative behavior. *Human Relations, 18*: 171-85, 1965.

7. Gutman, G. M. & Knox, R. E. Balance, agreement, and attraction in pleasantness, tension, and consistency ratings of hypotetical social situations. *Journal of Personality and Social Psychology, 24*: 351-7, 1972.

8. Heider, F. Attitudes and cognitive organization. *Journal of Psychology, 21*: 107-12, 1946.

9. _____. *The psychology of interpersonal relations.* New York, Wiley, 1958.

10. Hershowitz, A. Interpersonal agreement and disagreement on objects and values: a preliminary study. Lawrence, University of Kansas, 1954. Tese de doutorado não publicada.

11. Horowitz, M. W., Lyons, J. & Perlmutter, H. V. Induction of forces in discussion groups. *Human Relations, 4*: 57-76, 1951.

12. Jordan, N. Behavioral forces that are a function of attitudes and of cognitive organization. *Human Relations, 6*: 273-87, 1953.

13. _____. On cognitive balance. Institute for Defense Analyses. Economic and Political Studies Division. 1966.(Research Paper P-178.)

14. Newcomb, T. M. Interpersonal balance. In: Abelşon, R. P., Aronson, E., McGuire, W. J., Newcomb, T. M., Rosenberg, W. J. & Tannenbaum, P. H., ed. *Theories of cognitive consistency: a sourcebook.* Chicago, Rand McNally, 1968.

15. Ohashi, M. Sociometric choice behavior and interpersonal perception in a triad. *Japanese Psychological Research, 6*: 72-87, 1964.

16. Price, K. O., Harburg, E. & Newcomb, T. M. Psychological balance in situations of negative interpersonal attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology, 3*: 265-70,1966.

17. Rodrigues, A. On the differential effects of some parameters of balance. *Journal of Psychology, 61*: 241-50, 1965.

18. _____. The psycho-logic of interpersonal relations. Los Angeles, University of California, 1966. Tese de doutorado.

19. _____. Effects of balance, positivity, and agreement in triadic social relations. *Journal of Personality and Social Psychology, 5*: 472-6, 1967.

20. _____. The biasing effect of agreement in balanced and imbalanced triads. *Journal of Personality, 36*: 138-53, 1968.

21. _____. A survey study on balance theory. Trabalho apresentado no XIII Congresso Interamericano de Psicologia, Panama City, 1971.

22. _____. *Psicologia social.* 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1975.

23. _____. A Escala de avaliação da auto-estima da The Barksdale Foundation. Trad. e adapt. brasileira. Rio de Janeiro, PUC, 1976.

24. Rodrigues, A. & Ferreira, M. H. Fontes de tendenciosidade cognitiva nas relações interpessoais. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, (2): 9-21, 1967.

25. Rodrigues, A. & Ziviani, C. R. A theoretical explanation for the intermediate level of tension found in the nonbalanced $P-O-X$ triads. *Journal of Psychology, 88*: 47-56, 1974.

26. Rubin, Z. & Zajonc, R. B. Structural bias and generalization in the learning of social structures. *Journal of Personality, 37*: 310-24, 1969.

27. Sampson, E. E. & Insko, C. A. Cognitive consistency and performance in the autokinetic situation. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 68*: 184-92, 1964.

28. Wellens, A. R. & Thistlethwaite, D. L. An analysis of two quantitative theories of cognitive balance. *Psychological Review, 78:* 141-50, 1971.

29. _____. Comparison of three theories of cognitive balance. *Journal of Personality and Social Psychology, 20*: 82-92, 1971.

30. Whitney, R. E. Agreement and positivity in pleasantness ratings of balanced and unbalanced social situations: a cross-cultural study. *Journal of Personality and Social Psychology, 17*: 11-14, 1971.

31. Wiest, W. M. A Quantitative extension of Heider's theory of cognitive balance applied to interpersonal perception and self-esteem. *Psychological Monographs, 79*: 1965. (14, Whole n. 607)

32. Wyer, R. S. & Lyon, J. D. A test of cognitive balance theory implications for social inference processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, *16*: 598-618, 1970.

33. Zajonc, R. B. Cognitive theories in social psychology. In: Lindzey, G. & Aronson, E. ed. *The Handbook of social psychology*. 2. ed. Reading, Mass., Addison-Wesley, 1968. v. 1.

34. Zajonc, R. B. & Burnstein, E. The learning of balanced and unbalanced social structures. *Journal of Personality*, *33*: 153-63, 1965.

35. _____. Structural balance, reciprocity, and positivity as sources of cognitive bias. *Journal of Personality*, *33*: 570-83, 1965.

36. Ziviani, C. R. & Rodrigues, A. The role of agreement in nonbalanced $P-O-X$ triads. Trabalho apresentado no XVI Congresso da Interamerican Society of Psychology, Miami Beach, Florida, 1976.

REVISTA DE PSICOLOGÍA GENERAL Y APLICADA

Director: José Germain

Consejo Científico: José Ortega Gasset †, Gregorio Marañon †, Juan Zaragüa, Manuel Soto

Secretarios: José M. Sacristán †, Ricardo Ibarrola

Redacción: Julián Marías, José Mallart, Mariano Yela, Eusebio Martí Lamich †, José López Mora

Psicología General, Experimental,
Psicología Aplicada a La Medicina, Pedagogía,
Industria y Ciencias Económicas y Sociales.

En sus páginas encontrará el lector artículos de gran valor científico, comentários de especial interés o actualidad sobre libros, tests y dispositivos experimentales, y además una extensa y selecta información bibliográfica y clínica.

Publicación Trimestral: 1000 páginas al año y un número extraordinario. Suscripción para España e Hispanoamerica 300 pesetas, para el extranjero 6 dólares, número suelto 75 pesetas.

DIRECCIÓN, REDACCIÓN Y ADMINISTRACIÓN

INSTITUTO NACIONAL DE PSICOLOGÍA APLICADA Y PSICOTECNÍA,
J. HUARTE DE SAN JUAN I CIUDAD UNIVERSITARIA, MADRID – 3
Teléfono 243 68 00